

O CANÁRIO JASPE – PARTE III

Uma análise dos fenótipos da mutação Jaspe (SD).

Texto: Fábio Rodrigues - criador de canários

Colaboração: José Antonio Abellan

Colaboração: Francisco Grimalti - Juiz OMJ

Fonte: Standards OMJ - Canaris de couleur 2013



Aproveito a excepcional oportunidade de escrever mais uma vez sobre o tema, em consideração aos criadores que estão empenhados na evolução da mutação e que com grande dedicação apresentaram mais de 160 exemplares Jaspe no Campeonato Brasileiro de 2014. Há algum tempo já estava me propondo a escrever a terceira parte da série de artigos sobre a mutação Jaspe de

simples diluição (SD). Nos dois primeiros artigos que escrevi, publicados na revista Brasil Ornitológico, fui mais fiel ao comportamento genético da mutação bem como o histórico de seu surgimento e o até então processo de reconhecimento por parte da COM/HN. Nesta etapa tentarei elucidar aos companheiros criadores e juízes, com um pouco mais de detalhes, o aspecto causado ao fenótipo dos canários afetados pela mutação Jaspe de simples diluição (SD). A distinção entre negros oxidados, ágatas e canelas na mutação Jaspe (SD) já se faz necessária, pois já temos aqui no Brasil vários criadores se dedicando à criação e desenvolvimento do Jaspe.

Escrevo este artigo baseando-me nas análises visuais feitas em criadouros de amigos que já possuem certa quantidade de exemplares, bem como nas inúmeras conversas e trocas de conhecimentos com criadores e juízes espanhóis, entre eles o “pai” da mutação Jaspe, o criador José Abellan, o Juiz OMJ (seção D) e presidente do Colégio de Juízes da FOCDE - Federação Ornitológica Cultural Deportiva Espanhola, o Sr. Francisco Grimalti, que gentilmente me auxiliou nas dúvidas esclarecendo com muito conhecimento os detalhes técnicos que definem o *Standard* do canário Jaspe (SD) elaborado pela “*comisión técnica de color*” da FOCDE. E não menos importante, não posso deixar de destacar a importante colaboração do biólogo e também Juiz OMJ, o Sr Rafael Cuevas, principalmente na área genética.

Me apoiem também ao *standard* OMJ da mutação Jaspe SD, definido em reunião técnica realizada em maio de 2013 em Palaiseau, França.

Desta maneira pretendo mostrar nestas palavras um pouco do que está sendo avaliado pelos Juízes nos campeonatos do Brasil e mundo a fora. Fornecendo detalhes importantes ao criador que ainda não teve contato ou informação detalhada sobre a atuação da mutação Jaspe (SD) nas melaninas: Negros Oxidados, Ágatas e Canelas.

Ressalto que, segundo Salvatore Cirmi, presidente da COM, este *standard* ainda pode ser modificado em alguns detalhes na reunião COM/OMJ que será realizada nos dias 5 e 6 de julho em Marselha, sul da França.

Como base de introdução devemos lembrar que a mutação jaspe exerce uma considerável diluição nas melaninas negra e marrom, esta diluição atinge a envoltura e o desenho do canário jaspe, sendo este último composto por estrias mais reduzidas comparado ao tipo clássico. As partes córneas (bico, pernas e patas) também sofrem redução da manifestação melânica, fato que mais a frente vou detalhar cada caso.

Característica principal e que difere o Jaspe de qualquer outra mutação, de extrema importância na avaliação do tipo é a despigmentação das remiges primárias, chamada de *padrão alar*, herança do Pintassilgo. Na descrição do tipo “excelente” vocês vão ter noção de sua mais perfeita manifestação.



Ao assoprar o baixo ventre de um Jaspe notamos que a subplumagem não é atingida pela diluição e é idêntica ao canário clássico, correspondente.

AS PENALIZAÇÕES:

Segundo a reunião OMJ realizada em Paliseur, devem ser consideradas como penalizáveis e não desclassificadoras as características que se seguem:

- ✓ a presença de penas não afetadas pela mutação (penas não diluídas).
- ✓ despigmentação de penas (penas lipocrômicas), localizadas em geral na cabeça e pescoço.

Por outro lado no Brasil, seguem-se à risca os fatores desclassificatórios para qualquer canário melânico. Acredito ser uma orientação muito inteligente por parte da OBJO, posto que ao se considerar tais “defeitos” com o status de apenas penalizáveis, não se contribui à evolução do

tipo no canário Jaspe. Além disso, justiça seja feita ao canário asas cinza, que apresenta de forma crônica o mesmo problema, e o veredicto é desclassificatório.

Em conversa com Antônio Abellan, desenvolvedor da mutação Jaspe, o mesmo me confidenciou não concordar com o fundamento “penalizar”. Ele mesmo descarta em seu plantel, matrizes que possuem ou transmitem tal característica.



Para ficarem atentos, estas despigmentações ocorrem principalmente em volta dos olhos, bico, também sendo notadas algumas penas despigmentadas na cabeça e pescoço.

Outro grave problema e que também é considerado apenas penalizável na Europa é a excessiva despigmentação das remiges e retrizes, chegando a afetar de maneira comprometedora a qualidade do “padrão alar” e também despigmentando além do

necessário as remiges/retrizes secundárias e terciárias (indesejável visualmente). Esta despigmentação deve ocupar, no jaspe ideal, apenas a parte central das remiges e retrizes.

Também incluo aqui que a despigmentação do padrão alar também atinge as remiges e retrizes, secundárias e terciárias. Mas estas não podem ser perceptíveis quando a asa está fechada, no caso da cauda também não devem ser visualizadas, apenas deve ser notada nas retrizes externas. Pois como a mutação jaspe causa acúmulo de melanina nas bordas das mesmas e em sua ráquide, a sobreposição das remiges na parte central da cauda impede que tal padrão seja visual, repito, com exceção das retrizes externas.



NEGRO OXIDADO JASPE (SD)

A eumelanina negra do canário negro oxidado clássico, quando atingida pela mutação Jaspe SD e com mínima presença de feomelanina mostra um contraste magnífico com a cor de fundo, assumindo um impressionante efeito metalizado na envoltura formada pela melanina negra diluída pela mutação. Quando a presença de feomelanina é zerada (fator azul) este efeito se torna ainda mais brilhante.

OXIDAÇÃO DAS PATAS



O canário negro jaspe deve manter o desenho do tipo clássico, porém em manifestação reduzida, composto por estrias continuas que devem atuar na cabeça, dorso, flancos e peito de maneira uniforme e mais larga possível.

No canário com fator ótico azul, temos a mais bela manifestação do fator jaspe, devido ao excelente contraste com a cor de fundo e uma apresentação digna da diluição no padrão alar.

Falando um pouco das penas longas, devemos tomar muito cuidado com a diluição nas retrizes e remiges secundárias, diluição demais torna o pássaro quase que descaracterizado tendendo ao tipo asas cinza. Devem-se buscar sempre os canários que possuam coloração uniforme, notando sempre que existe um depósito de melanina mais concentrado em suas bordas.

Avaliação do tipo Excelente (standard OMJ)



Estrias eumelânicas largas e contínuas de coloração cinza escuro sobre um fundo bem melânico, concentração melânica nas bordas das penas longas. Máxima oxidação da subplumagem. Ausência de feomelanina visível, proporcionando o efeito metalizado e não prejudicando o contraste do desenho com a cor de fundo.

A despigmentação do “padrão alar” nas remiges retrizes deve ser bem centralizado, não se estendendo às suas extremidades, onde estas devem apresentar o depósito de eumelanina negra reduzida. Importante salientar que esta despigmentação central das remiges e retrizes atingem também as secundárias e terciárias, porém não deve ser perceptível quando a asa esta fechada. Concluimos então que este não deve ser muito largo nestas plumas. As partes córneas (bico, patas e pernas) devem ser o mais oxidados possível. Obviamente não teremos oxidação similar aos clássicos, dada a redução melânica. Mas o pássaro ideal dentro deste tipo deve ser o mais oxidado possível.



CANELA JASPE (SD)



A mutação jaspe nos canelas provoca uma redução significativa da eumelanina marrom em relação ao canela clássico, provocando um padrão uniforme na cabeça, pescoço e dorso com uma tonalidade marrom acinzentado. Esta tonalidade está presente na melanina manifestada na ráquide e nas bordas das penas, proporcionando o contraste desejável para a mutação e o tipo. A redução melânica nas

remiges e retrizes, característica da mutação jaspe deve ser de boa qualidade, ou seja, não deve apresentar penas com forte redução ou o inverso. Deve existir um equilíbrio harmônico entre as remiges e retrizes.

A cabeça, dorso e flancos devem apresentar um desenho similar ao tipo clássico, porém de tonalidade reduzida de coloração marrom acinzentado.

As retrizes devem apresentar traços transversais visíveis. Olhos negros e partes córneas iguais ao canela clássico.

O canela jaspe ideal deve apresentar pássaros estritamente eumelânicos com uma expressão máxima do desenho melânico de tonalidade marrom acinzentado composto de estrias o mais largas e contínuas possíveis.

Avaliação do tipo excelente (standard OMJ)

Desenho formado por estrias largas e contínuas de cor marrom acinzentado sobre um fundo fortemente oxidado. Nota: Ainda notamos nos canelas jaspe que a envoltura ainda é bem mais oxidada do que o próprio desenho, ao contrário do que se nota nos outros tipos. Fenótipo obviamente causado pelo fato que a eumelanina marrom (canela), além de sofrer a redução jaspe, também se dispersa da mesma maneira que notamos nos canelas pasteis. O trabalho para se atribuir um desenho mais destacado nestes exemplares vai depender única e exclusivamente de um rigoroso trabalho de seleção.

O padrão alar deve ser bem centralizado nas remiges e retrizes sem se estender às suas extremidades, onde estas devem apresentar o depósito de eumelanina marrom. Apesar de existirem estas “bandas” despigmentadas não devem ser visíveis nas penas secundárias e terciárias, quando fechadas.

Na cauda o lipocromo deve ser visível apenas nas penas externas, mas não deve ser visível no centro da cauda. Efeito visual causado pela sobreposição das penas, justificado pelo acúmulo de melanina nas suas bordas. Partes córneas de coloração igual ao tipo clássico.

ÁGATA JASPE (SD)

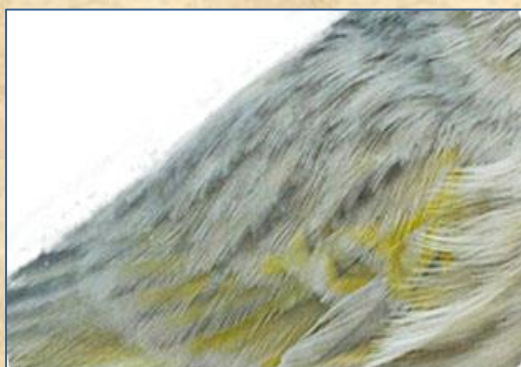


O fator jaspe ocasiona uma forte redução sobre os ágatas, causando nestes pássaros uma bela aparência de tonalidade cinza no desenho e com envoltura bem discreta. O desenho deve ser similar ao tipo clássico, mas a tonalidade fica bem reduzida a um tom cinza.

O tipo ágata é bem preservado nesta mutação, tornando um dos mais belos da nomenclatura jaspe. As remiges e retrizes do ágata jaspe também acompanham os canelas e negros oxidados, ou seja, deve apresentar um despigmentação central, o padrão alar, sem se estender às suas extremidades, onde estas devem apresentar a melanina negra reduzida de tonalidade cinza. As remiges quando livres da manifestação feomelânica são dotadas de um belo efeito luminoso, bem como o resto das plumas.

Apesar da diluição jaspe ser mais forte no ágata, por já ser um pássaro com fator de diluição, nas remiges e retrizes é possível notar, principalmente na área central, depósito de melanina na ráquide e borda das mesmas. Olhos devem ser negros e as partes córneas claras.

Avaliação do tipo excelente (standard OMJ)



DESENHO ÁGATA

Desenho formado por estrias eumelânicas curtas e entrecortadas, similares ao tipo clássico, porém de tonalidade cinza. A feomelanina não deve ser visível, proporcionando um excelente contraste entre o desenho e a cor de fundo, causado pela mais branda envoltura.

O padrão alar deve se manifestar apenas na parte central das remiges e retrizes não devendo se estender às suas extremidades, pois nestas

deverá estar evidente o depósito da eumelanina negra reduzida, em tom cinza. Este depósito,

nos ágatas é de uma tonalidade bem leve, um cinza azulado claro. Mas é evidente que não se confunde com a despigmentação do padrão alar, mostrando o limite entre um e outro.



O mesmo não deve ser perceptível nas remiges secundárias e terciárias quando fechadas pelo efeito da transposição das mesmas. Efeito que já abordamos nos tipos, negro oxidado e canela.

Na cauda o lipocromo deve ser visível apenas nas penas

externas, não podendo ser notado no centro da cauda, fato causado pela sobreposição das retrizes. Os olhos de cor negra e as partes córneas bem claras.

O espírito colaborativo deve sempre despertar do prazer com que se faz, jamais da obrigação. Gosto do que faço e aprendo com tudo isto. E como aprender é prática diária e infinita para todos nós, continuo o meu caminho, colaborando e aprendendo.

Fábio Rodrigues